

CURSO DE GEOGRAFIA A DISTÂNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATUAÇÃO DA TUTORIA

DIAS, Aldênia Oliveira Mendes¹, BARROS, Joselita Ferreira Batista²

¹Graduação em Geografia e Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia e em Educação a Distância. Docente tutora a Distância do Curso de Graduação a Distância em Geografia na UAB/Unimontes.

²Graduação em Geografia e Pós-graduação Lato Sensu em Geografia, Ensino e Meio Ambiente e ainda em Educação a Distância Docente/Tutora a Distância do Curso de Graduação a distância em Geografia na UAB/Unimontes

RESUMO

A Educação a Distância é uma modalidade com um importante papel de democratizar o ensino e separar o conectado do não conectado, o marginalizado do incluído, enfim, visibilizar as diferenças, utilizando as tecnologias da comunicação. Essa ideia se fortalece com a crença de que os meios virtuais de aprendizagem substituem o professor. No ensino a distância, quando o professor não se envolve nas interações com os alunos, cabe ao docente tutor fazê-lo. O docente tutor aproxima o aluno dos conteúdos do curso ministrado e do próprio “conteúdo tecnológico”, necessário ao trânsito autônomo em ambientes virtuais de aprendizagem. Este estudo foi conduzido numa abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, relacionando a tutoria com o ensino da geografia. A metodologia adotada segue os parâmetros da pesquisa bibliográfica, com foco nas relações entre a tecnologia e o ensino de Geografia. Os objetivos deste trabalho são: conhecer o papel e a importância do docente tutor à distância no processo ensino-aprendizagem; apontar as múltiplas funções do docente tutor à distância no curso de geografia e o seu papel no curso e identificar os desafios e possibilidades do trabalho do tutor na EAD. Este estudo vem possibilitar a atuação do docente tutor da área de Geografia para a mediação do conhecimento por meio da plataforma Virtualmontes, na internet.

Palavras-chave: Educação a Distância. Tecnologia. Tutoria. Geografia.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EAD) é uma modalidade de importante papel para a democratização do ensino, a qual utiliza os meios tecnológicos para sua realização. O desenvolvimento deste trabalho foi realizado através de método baseado na pesquisa bibliográfica especializada.

A pesquisa sobre a tutoria na Educação a Distância do curso de Geografia é abordado com clareza neste artigo, descrevendo as atividades dos docentes tutores e como eles influenciam no ensino à distância. Esse tema é importante, pois possibilita o entendimento dos autores citados e proporciona uma visão global da tutoria no ensino à distância, em especial, do curso de geografia, realizado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/Unimontes.

Deve-se lembrar que são os projetos da EAD que colocam desafios tecnológicos, exigindo

programas mais ajustados aos seus propósitos, e não são as tecnologias que traçam o rumo da EAD. Considerando que essa modalidade, por sua própria estrutura, incentiva o aluno a desenvolver sua autonomia, sendo independente e responsável por sua própria aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

A EAD e sua Viabilização

A EAD para Oliveira (2012), tem sido utilizada com diferentes terminologias: ensino aberto, ensino à distância, formação à distância, entre outros. Ela deve ser compreendida como uma prática educativa situada e mediada, uma modalidade de se fazer educação e de democratizar o conhecimento.

Evans e Nation (1993) relatam que as bases que consolidam a modalidade EAD estão voltadas para o modelo fordista de produção, que

buscava produzir em larga escala para atender o consumo de massa.

Oliveira (2012) menciona a EAD como uma modalidade que tem em seu discurso um importante papel de democratizar o ensino e separar o conectado do não conectado, o marginalizado do incluído, enfim, visibilizar as diferenças, utilizando a tecnologia via internet e outras tecnologias da comunicação.

Embora não seja o único fator determinante, Carmo (1998) afirma que a tecnologia está fortemente associada ao desenvolvimento da EAD. O avanço técnico nos meios de comunicação sempre impulsionou o desenvolvimento de experiências de ensino à distância.

Para Valente (2003), a implementação da “escola virtual” é uma abordagem intermediária, que nada mais é do que o uso de tecnologias para criar a versão virtual da escola tradicional.

Conforme Peraya (2002), a utilização de determinada tecnologia como suporte à EAD “não constitui em si uma revolução metodológica, mas reconfigura o campo do possível”. Assim, para Almeida (2003), pode-se usar uma tecnologia tanto na tentativa de simular a educação presencial com o uso de uma nova mídia como para criar novas possibilidades de aprendizagem, por meio da exploração das características inerentes às tecnologias empregadas.

De acordo com Almeida (2003), essa abordagem da EAD é importante porque se encontra disseminada em todas as partes do mundo, devido à sua potencialidade de atender a crescente parcela da população que demanda pela formação (inicial ou continuada) a fim de adquirir condições de competir no mercado de trabalho.

Com a descrição de Almeida (2003), nessa abordagem de EAD, conta-se com a presença do professor para elaborar os materiais instrucionais e planejar as estratégias de ensino e, na maioria das situações, com um docente tutor encarregado de responder as dúvidas dos alunos.

Almeida (2003) ainda relata que, quando o professor não se envolve nas interações com os alunos, o que é muito frequente, cabe ao docente tutor fazê-lo. Porém, caso esse docente tutor não compreenda a concepção do curso ou não tenha sido devidamente preparado para orientar o aluno, corre-se o risco de um atendimento inadequado, que pode levar o aluno a abandonar a única possibilidade de interação com o docente tutor, passando a trabalhar so-

zinho, sem ter com quem dialogar a respeito de suas dificuldades ou elaborações.

Conforme Prado e Valente (2002), as abordagens de EAD por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem ser de três tipos: broadcast, virtualização da sala de aula presencial ou estar junto virtual.

Na abordagem denominada broadcast, a tecnologia computacional é empregada para “entregar a informação ao aluno” da mesma forma que ocorre com o uso das tecnologias tradicionais de comunicação, como o rádio e a televisão.

Quando os recursos das redes telemáticas são utilizados da mesma forma que a sala de aula presencial, acontece a virtualização da sala de aula, que procura transferir para o meio virtual o paradigma do espaço-tempo da aula e da comunicação bidirecional entre professor e alunos.

O estar junto virtual, também denominado aprendizagem assistida por computador (AAC), explora a potencialidade interativa das TIC propiciada pela comunicação multidimensional, que aproxima os emissores dos receptores dos cursos, permitindo criar condições de aprendizagem e colaboração.

Belloni (2002) descreve que a generalização do acesso à informação midiática tende a transformar o indivíduo em um ser mais racional e menos intuitivo, isto é, mais reflexivo.

Porém, é preciso compreender, segundo Prado e Valente (2002), que não basta colocar os alunos em ambientes digitais para que ocorram interações significativas em torno de temáticas coerentes com as intenções das atividades em realização, nem tampouco se pode admitir que o acesso aos hipertextos e recursos multimidiáticos deem conta da complexidade dos processos educacionais.

Vários estudos, como os de Armstrong e Casement (2001), Corea e Lewkowicz (2004), Blikstein e Zuffo (2003), mencionam que os artefatos mais sofisticados e os computadores ligados à internet podem ser necessários, mas não têm sido suficientes para que a aprendizagem seja, significativamente, atingida.

Já Carvalho (2007) afirma que a flexibilidade da EAD leva o aluno a buscar uma crença de que vai encontrar uma solução imediata para conciliar seu trabalho e demais afazeres com o estudo. Acredita que será mais fácil do que no ensino presencial regular e imagina que a tecnologia será um importante aliado no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Carvalho (2007) ainda descreve que o aluno, ao se deparar com a responsabilidade de sua própria aprendizagem, leva algum tempo confuso e com muita dificuldade no processo de adaptação. A tecnologia que supostamente deveria torna-se uma ferramenta poderosa no desenvolvimento da aprendizagem pode virar um pesadelo para o aluno, que descobre rapidamente que interagir com o ambiente virtual não é tão lúdico quanto parecia no princípio.

Para os mecanismos internos de adaptação, Carvalho (2007) expõe a angústia que se instala, podendo ser minimizada com a realização de transição do aluno para um processo de aprendizagem novo, disponibilizando elementos essenciais para a (re)estruturação dos processos individuais de sistematização do conhecimento e gerenciamento da aprendizagem.

Conforme Freire (1987), somente a educação dialógica pode fomentar a problematização e a colaboração. Problematizar é exercer uma análise crítica sobre a realidade problema. Para Dotta e Giordan (2007), isso significa a necessária coparticipação dos sujeitos no ato de compreender a significação do significado. Eles também presumem que o educador precisa atuar como gestor da comunicação em sala de aula, promovendo situações que possibilitem a participação ativa e crítica dos estudantes na construção do conhecimento, e isso somente é possível a partir do diálogo.

Dotta e Giordan (2007) revelam que as características desse diálogo precisam ser construídas com características que vão além da troca de palavras entre os interlocutores, precisam considerar as possibilidades de interação de múltiplas vozes.

Mortimer e Scott (2002) identificaram quatro classes de abordagem comunicativa em sala de aula definidas por meio da caracterização do discurso entre professor e alunos ou entre alunos em termos de duas dimensões: discurso dialógico ou de autoridade; discurso interativo ou não interativo.

Segundo os autores Mortimer e Scott (2002), quando um professor interage com estudantes, a natureza das intervenções pode ser caracterizada em termos de dois extremos. No primeiro deles, o professor considera o que o estudante tem a dizer do ponto de vista do próprio estudante; mais de uma voz é considerada e há uma inter-animação de ideias. Esse primeiro tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa dialógica.

Mortimer e Scott (2002) ainda mencionam

que, no segundo extremo, o professor considera o que o estudante tem a dizer apenas do ponto de vista do discurso científico escolar que está sendo construído. Esse segundo tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa de autoridade, na qual apenas uma voz é ouvida e não há inter-animação de ideias.

Tutoria na EAD em Geografia

O imaginário popular diz que a modalidade de Ensino a Distância necessita menos do professor que a educação presencial. Essa ideia se fortalece com a crença de que os meios virtuais de aprendizagem substituem o professor ou que um bom material didático é suficiente para que a construção dos conceitos didáticos aconteça.

Autores como Keegan (1991) e Armengol (1987) ilustram a importância do docente tutor na EAD.

Os elementos centrais da EAD, segundo Keegan (1991), são:

- A utilização de meios técnicos de comunicação, unindo o professor e os alunos e mediando a construção do conhecimento;
 - A existência de uma organização acadêmica característica (planejamento, sistematização, didática, avaliação), distinta da organização da educação presencial;
 - A utilização de meios tecnológicos (o autor os chama de “forma industrializada” de educação);
 - A possibilidade da existência de encontros entre o docente tutor e os estudantes do grupo de aprendizagem (forma semipresencial de EAD);
 - A separação física entre o professor e os alunos;
 - A previsão de uma “comunicação de mão dupla”, assim como de iniciativas de “dupla via”.
- Para Armengol (1987), a caracterização da EAD pode ser descrita como os itens abaixo:
- População estudantil geralmente adulta e normalmente dispersa;
 - Cursos pré-produzidos, utilizando textos impressos, entre outros recursos instrucionais, produzidos massivamente;
 - Cursos que promovem a aprendizagem independente e autônoma e estimulam o estudo individualizado;
 - Utilização de comunicações massivas e organizadas em duas direções, entre os estudantes e o centro que produziu o curso;

- Comunicação caracterizada pela “conversa guiada” (ou mediada pelo docente tutor);

- Utilização crescente das chamadas “tecnologias de informação e comunicação” (TIC);
- Flexibilidade da estrutura curricular;
- Custos decrescentes por estudante, estabelecidos após um investimento inicial elevado (derivados da produção e elaboração do material didático, da produção do ambiente físico e do estabelecimento de condições de distribuição e transmissão dos cursos).

Segundo Keegan (1991), existe uma “comunicação de mão dupla” com ênfase no diálogo. Embora haja a distância física entre o professor e o aluno, existe a necessidade do ente “tutor” para que se realize a mediação entre o aluno e o conhecimento. O docente tutor é que aproxima o aluno dos conteúdos do curso ministrado e do próprio “conteúdo tecnológico”, necessário ao trânsito autônomo em ambientes virtuais de aprendizagem.

Devemos lembrar sempre, conforme Giusta e Franco (2003), que não são as tecnologias que traçam o rumo da EAD, e sim os projetos da EAD que colocam desafios tecnológicos, exigindo programas mais ajustados aos seus propósitos.

Armengol (1987) destaca a atuação do docente tutor, dando ênfase na conversa guiada ou mediatizada pela ação do mesmo.

A EAD é definida como uma estratégia educativa alicerçada na utilização de novas tecnologias, no estímulo às estruturas cognitivas operatórias flexíveis e em métodos pedagógicos que permitem que as condições inerentes ao tempo, espaço, ocupação e idade dos estudantes, por exemplo, não sejam condicionantes ou impeditivos para a aprendizagem. Portanto, existe uma enorme demanda de procedimentos, estratégias e competências do docente tutor.

Apesar de não existir modelo universal de tutoria, passível de ser aplicado a qualquer situação de ensino e aprendizagem à distância, deve-se manter a “comunicação em via dupla” de Keegan ou a “conversa guiada” de Armengol na comunicação com o aluno.

Múltiplos modelos tutoriais podem ser aplicados, segundo Armengol (1987), como o presencial (em que pode persistir até mesmo a mediação pela exposição oral docente), por correspondência, por telefone, por fax, pela Internet (em chats, ou através de mensagens trocadas por e-mail), entre outros.

Menezes (2011) menciona que o docente tutor desempenha a função de esclarecer as dúvidas dos alunos, ou seja, mesmo no EAD o reconhecimento à necessidade do presencial fica bem evidente.

Conforme Maggio (2001), o docente tutor cria proposta de atividades para reflexão, apóia sua resolução, sugere fontes alternativas de informação, oferece explicações, favorece os processos de compreensão, isto é, guia, orienta e apóia, buscando a efetivação do aluno autônomo.

O docente tutor é entendido por Azevedo e Nascimento (2007) como aquele que assume a sua condição de pessoa mais experiente e competente, acompanhando e orientando sistematicamente os alunos, na sua respectiva área de formação.

Para Brandão (2005), a experiência pedagógica do docente tutor ressalta que a opção por uma corrente específica de Educação e seus desdobramentos na modalidade a distância não é tão importante quanto à construção do saber e o desenvolvimento/formação do caráter humano.

O teor constitutivo do papel do docente tutor, segundo Lopes et al (2006), a fim de refletir sobre suas atribuições dentro do processo ensino-aprendizagem como marcos institucionais, pode ser analisado da seguinte forma:

- Dar feedback ao professor temático sobre as atividades desenvolvidas pelos alunos;
- Manter contato com os monitores de polo para levantar dúvidas, dificuldades e acompanhar se ele está cumprindo seu papel;
- Acompanhar o aproveitamento dos alunos e dar feedback;
- Entrar em contato telefônico com monitores de polo para ligar para os alunos que não entraram no ambiente desde a penúltima teleaula (mais de uma semana);
- Passar para o professor a síntese das principais questões e discussões dos alunos para o professor comentar na próxima teleaula;
- Estudo do conteúdo e dinâmica da próxima teleaula;
- Assistir à teleaula e desenvolver a atividade pós-teleaula conforme orientação do professor temático;
- Sintetizar as dúvidas dos alunos para o professor responder (na hora ou manter a dúvida em aberto para dar retorno aos polos sob sua responsabilidade, no dia seguinte, após obter resposta do professor temático);
- Acompanhar e registrar o progresso de

cada aluno;

- Preencher os registros acadêmicos relativos aos alunos sob sua responsabilidade;
- Apresentar um relatório por aluno sobre o seu aproveitamento no módulo e o que ele pode fazer para recuperar o que ficou faltando, definindo com o professor o prazo de entrega desse relatório (máximo de uma semana após o término do módulo);
- Participar dos seminários de capacitação;
- Participar das reuniões de colegiado do curso;
- Ler com antecedência os conteúdos das próximas duas semanas e tirar dúvidas com o professor temático;
- Identificar os problemas que afetem a aprendizagem e comunicar imediatamente ao professor temático e coordenação do curso;
- Receber os trabalhos dos alunos e fornecer pareceres àqueles sob sua responsabilidade, conforme orientação do professor temático (confirmar prazo com o professor temático);
- Identificar problemas que afetem o bom desenvolvimento do curso e comunicar imediatamente ao coordenador.

Com isso, relacionar a tutoria com o ensino da geografia, sendo ela uma das áreas das Ciências Humanas, o docente tutor tem que mediatizar o conhecimento de sua área em questão, com todos os meios possíveis para sua viabilização, para que o aluno possa agir autônomo e de forma segura diante de uma problematização, conquistando e atingindo suas metas. Portanto, o entendimento sobre a disciplina Geografia, o leitor, aluno ou não, tem que compreender essa área, para facilitar o seu aprendizado.

Entretanto, a disciplina geografia é uma ciência que permite ao homem compreender o espaço geográfico, o qual está inserido. Desde a educação escolar inicial, os alunos têm contato com as particularidades desse campo do conhecimento científico no intuito de possibilitar uma leitura do mundo, segundo os conceitos utilizados pela geografia. Esse “letramento geográfico” faz com que alunos desenvolvam um modo de pensar e agir que leve em conta o espaço geográfico.

Moreira (1987) afirma que a formação dessa mentalidade geográfica encontra dificuldade na tradicional separação homem/meio, como se o homem fosse um ser atópico. A geografia da escola reproduz esse raciocínio, criando uma visão dicotômica, nascendo visões reduzi-

das e fragmentadas como a de Geografia Física x Geografia Humana.

Esse mesmo autor, em 2002, afirmou que a geografia se apresenta na escola sobre a prática da EAD, e tem que cumprir sua função “alfabetizadora”. Diversos conceitos podem ser trabalhados com os alunos para que consigam compreender seu contexto espacial.

Conforme Santos (2002), o movimento de renovação da geografia, para se firmar como ciência, necessitava que as suas categorias de análise se ajustassem às categorias do real. Além disso, também relaciona o espaço como conceito-chave que deve permear toda a “Geografia” escolar. A aplicação da EAD no ensino de geografia por intermédio de um docente tutor deve propiciar a utilização desse conceito.

Para Cavalcanti (1998), a “natureza” e a “sociedade”, assim como o “lugar”, devem “ter como referência inicial a prática vivida pelo aluno e os significados por ele atribuídos cotidianamente” a esses conceitos, para que estes tenham uma aplicação na vida prática.

É necessário, portanto, de acordo com Vi-gotsky (2003), a elaboração de um novo método da Geografia à distância, em que a aprendizagem se dê pela análise dos processos ao invés dos objetos, nos quais se valorize uma análise explicativa ao invés da descrição e buscando um desenvolvimento qualitativo ante o quantitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apontou algumas possibilidades de atuação do docente tutor da área de Geografia com destaque para mediação do conhecimento, entre os alunos e o professor, por intermédio da plataforma Virtualmontes, na internet, além de descrever sobre a EAD, no qual foi baseado em pesquisas bibliográficas.

A modalidade EAD, por sua própria estrutura, incentiva o aluno a desenvolver sua autonomia, ser independente, responsável por sua própria aprendizagem. Para isso, os meios tecnológicos dão suporte para sua realização.

O papel do docente tutor é de extrema importância no que diz respeito à mediação do conhecimento. Para isso, ele segue uma rigorosa desenvoltura entre o conhecimento e o aluno, através dos modelos tutorais.

Deve ser destacado que o docente tutor desempenha a função de esclarecer às dúvidas dos alunos nessa modalidade, reconhecendo a sua necessidade na criação de proposta de

atividades para reflexão, no apoio à resolução de problemas, exercícios e atividades didáticas, sugerindo fontes alternativas de informação, favorecendo os processos de compreensão dos alunos de geografia na EAD.

A pesquisa bibliográfica poderá contribuir para melhoria da estratégia do Ensino a Distância de Geografia, pois ajudará a apontar as deficiências e dificuldades a serem superadas e virtudes a serem exploradas pela UAB/Unimontes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educ. Pesqui.* vol.29 no.2 São Paulo July/Dec. 2003.
- ARMSTRONG, A.; CASEMENT, C. *A criança e a máquina: como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco.* Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- ARMENGOL, M. C. *Universidades in Clases: Educación a Distancia en América Latina.* Caracas: OEA - UNA - Kapelusz, 1987.
- AZEVEDO, N. R.; NASCIMENTO, A. T. B. Modelo de tutoria: Construção dialógica de sentido(s). In: *Interacções.* Nº. 7, 2007, p. 97-115. Disponível em: <<http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/G5.pdf>>. Acesso em: 17dez. 2012.
- BELLONI, M. L. Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil. *Educ. Soc.*, Abr 2002, vol.23, no.78, p.117-142. ISSN 0101-7330.
- BLIKSTEIN, P.; ZUFFO, M.K. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, M. (Org.). *Educação online.* São Paulo: Loyola, 2003. p. 23-38.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação.* São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção primeiros passos - 20).
- CARMO, H. *Ensino superior à distância.* Lisboa: Universidade Aberta, 1998.
- CARVALHO, A. B. Os Múltiplos Papéis do Professor em Educação a Distância: Uma Abordagem Centrada na Aprendizagem In: *18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste - EPENN.* Maceió, 2007
- CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola e construção de conhecimentos.* Campinas: Papirus; 1998.
- COREA, C.; LEWKOWICZ, I. *Pedagogía del aburrido: escuelas destituídas, familias perplejas.* Buenos Aires: Paidós, 2004.
- DOTTA, S.; GIORDAN, M. *Tutoria em Educação a Distância: um Processo Dialógico.* São José dos Campos: Virtual Educa, 2007.
- EVANS, T.; NATION, D. Educational Technologies: reforming open and distance education. In:_____. *Reforming open and distance education.* Londres: Koogan, 1993.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido: Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIUSTA, A. S.; FRANCO, I. M. (Org). *Educação a Distância: uma articulação entre a teoria e a prática.* Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003.
- KEEGAN, D. On Defining Distance Education. In: SEWART, D. et al. *Distance Education: International Perspectives.* Londres/Nova York: Croomhelm/St. Martin's, 1991.
- LOPES, L.H.C.O.; COSTA, S. N.; ALONSO JÚNIOR, H. F. Tutoria: A Docência Compartilhada. In: AZEVEDO, A. et al. *Educação e Tecnologia na Universidade: Concepções e Práticas.* São Paulo: Editora Metodista, 2006.
- MAGGIO, M. O tutor na educação a distância. In: LITWIN, E. *Educação a distância: temas para um debate de uma nova agenda educativa.* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MENEZES, L. G. A. B. Da Distância da Educação à Educação a Distância: ensaio crítico sobre uma nova geografia do ensino. *Boletim: Campineiro de Geografia*, v.1, n1, 47-62, 2011.
- MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso: Paracrítica da geografia que se ensina.* Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- MOREIRA, Ruy. Categorias, Conceitos e Princípios Lógicos Para (O Ensino e o Método de) Uma Geografia Dialeticamente Pensada. In: VALE, J. M. F. et al. *Escola Pública e Sociedade.* São Paulo: Saraiva/AGB-Bauru, 2002.

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. **Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino.** Investigações em Ensino de Ciências. Porto Alegre, 2002.

OLIVEIRA, R. M.S. R. **A tutoria no contexto da EAD: A estrutura da EAD e o papel do tutor.** Programa de Formação Continuada. Montes Claros: Unimontes, 2012.

OLIVEIRA, R. M. S. R. **Educação Aberta a Distância: Equívocos e possibilidades.** Programa de Formação Continuada. Montes Claros: Unimontes, 2012.

PERAYA, D. **O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada.** In: ALAVA, S. **Ciberespaço e formações abertas: rumo**

a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRADO, M. E. B. B.; VALENTE, J. A. **A Educação a distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica.** In: MORAES, M. C. **Educação a distância: fundamentos e práticas.** Campinas: Unicamp/NIED, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Edusp; 2002.

VALENTE, J. A. **Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações.** *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v7, n. 12, fev. 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes; 2003.